

Seminário Internacional Imprensa, história e literatura : o jornalista escritor

Fundação Casa de Rui Barbosa/Universidade Rennes 2/Chaire Sergio Buarque de Holanda (FMSH)/Consulado da França no Rio de Janeiro

De 5 a 8 de agosto 2014

Moacyr Scliar: jornalista e escritor, incomparável sinergia

Zilá Bernd¹

Contar uma história é estabelecer vínculos afetivos com as pessoas.

Moacyr Scliar.

Pretendemos mostrar a sinérgica confluência das atividades de jornalista e escritor que Moacyr Scliar desenvolveu durante toda a sua vida. É evidente que sua vivência jornalística, com crônicas diárias na *Zero Hora* de Porto Alegre e em outros jornais do país, durante quarenta anos, fornecia matéria para a sua prosa. Pretendemos ver em que medida o contrário também acontecia: como a matéria poética de seus contos e romances emergia em seu labor jornalístico. Ou seja: queremos evidenciar que o gênero crônica, que o autor praticava com excelência, favoreceu sua performance como contista e romancista.

¹ (UFRGS, Unilasalle/Cnpq)

Destacamos a grande importância que Moacyr Scliar atribuía à crônica como se pode verificar em texto que se encontra no site oficial do autor:

A minha experiência com crônica data de 1974 quando comecei a escrever semanalmente para o jornal Zero Hora de Porto Alegre. No meu caso foi uma experiência no mínimo curiosa; até então eu só escrevera textos ficcionais, para serem publicados em livros ou em suplementos literários. Mas fazer crônica é diferente, como é diferente a página do livro da página do jornal. Sim, em ambos os casos trata-se de texto impresso, destinado a um público, mas as diferenças são grandes, e históricas. Para começar, o livro tal como o conhecemos, surgiu antes do jornal; e do século quinze, enquanto o jornal só aparece no começo do século dezessete. Ao contrário do livro, que em geral tinha um tema único, a crônica tratava de vários assuntos num estilo que nem sempre era refinado, literário. Estabeleceu-se uma divisão: os escritores eram uma antiga aristocracia; os jornalistas eram os arrivistas. Os escritores escreviam para a eternidade; os jornalistas estavam presos aos assuntos do momento, nem sempre agradáveis. Escritores falavam mal do jornal: “Da primeira a última linha, nada mais é que um circo de horrores”, disse Baudelaire. Edmond e Jules Goncourt acrescentaram: “Efêmera folha de papel, o jornal é o inimigo do livro como a cortesã é inimiga da mulher decente.”
[http://www.scliar.org/moacyr/textos/a-cronica-
hoje/#sthash.i2P2Usia.dpuf](http://www.scliar.org/moacyr/textos/a-cronica-
hoje/#sthash.i2P2Usia.dpuf)

A trajetória desse gaúcho (1937-2011), considerado um dos dez escritores mais lidos do Brasil, ao lado de Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Chico Buarque, Graciliano Ramos, Milton Hatoum, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Fonseca e Oswald e Mario de Andrade, mostrará em que medida ele desfez esse pretenso antagonismo entre escrita ficcional (livro) x escrita jornalística (jornal). Ao longo de uma existência de intensa atividade intelectual, em que publicou cerca de 80 livros, tratou de desfazer as ideias preconcebidas contidas na citação acima. Sua extensa produção ficcional e jornalística é exemplo incontestado de que uma enriqueceu a outra, dando origem a uma rica tessitura na qual se percebem marcas de ambas as práticas de escritura.

Poesia das coisas simples

Partimos da seleção elaborada por Regina Zilberman para a Companhia das Letras em duas antologias: *A poesia das coisas simples* (2012), que reúne aproximadamente 80 crônicas publicadas no jornal *Zero Hora* de Porto Alegre de 1977 a 2011; e *Território da emoção*, Crônicas de medicina e saúde (2013), que reúne 94 crônicas publicadas entre 1995 e 2011 na coluna *Cena Médica*, do mesmo jornal. Se fossem publicadas todas as crônicas desse período seriam cerca de setecentos textos.

Durante quarenta anos, Scliar exerceu o ofício de cronista, preenchendo as principais qualidades que podem ser atribuídas ao gênero “crônica jornalística”, assinaladas por Regina Zilberman no prefácio de *A poesia das coisas simples*, no qual identifica as principais virtudes do autor na prática do gênero: “a variedade dos assuntos, sem que se mostre superficial ou frívolo; o conhecimento dos temas, mesmo os que não se associam diretamente a sua dupla profissão de ficcionista e de médico sanitário; a linguagem límpida com toques de humor, além de simples e moderna” (Zilberman, 2013, p. 10)

Em *A poesia das coisas simples* (2013), em uma das crônicas intitulada “Sobre centauros” (p. 43-45) de 1997, Scliar menciona a obsessão que tinha pela figura híbrida do centauro que se transformou em tema central de um de seus romances mais lidos e traduzidos em diversas línguas: *O Centauro no jardim* (1980). Tanto isso é verdade que, após dezessete anos do lançamento do romance, o autor volta ao tema do centauro para falar da gauchidade e incluir nela os imigrantes. Revela que o gaúcho é o centauro dos pampas, o monarca das coxilhas, o que despertou nele o desejo de escrever sobre esse mito. “Comecei com uma crônica que foi publicada em *Zero Hora* em mui priscas eras. Depois escrevi um conto que o Marcos Faerman (o Marcão) perdeu [...] Do conto passei para uma pequena novela e, quando dei por mim, estava datilografando furiosamente as páginas de um romance” (p.43-44). Vê-se aqui que em “mui priscas eras” (não foi possível determinar esta data) escreveu uma crônica sobre o tema, depois escreveu um conto e finalmente o romance que é publicado em 1980. Temos, portanto, o exemplo da crônica servindo de laboratório ou de incubadora ao conto e ao romance, vindo a retroalimentar, muitos anos mais tarde, outra crônica. Ao abordar o tema da gauchidade na crônica jornalística, o faz através do enredo de seu romance: “O meu centauro não era apenas grego e gaúcho;

era judaico também” (crônica de 1997, IN Zilberman, 2013, p. 44), o que explica o título enigmático que propõe a figura selvagem do centauro no espaço civilizado do jardim. E este é precisamente seu conceito de gaúcho: aquele que amalgama em um só espaço as mitologias grega e pampiana às quais vem se acrescentar o imaginário imigrante.

A figura do centauro é tão eloquente na representação do itinerário artístico de Scliar que os organizadores de uma importante exposição, realizada em 2014, em sua homenagem, optaram por intitulá-la: “Moacyr Scliar: o centauro do Bom Fim” (ver: <http://www.scliar.org/moacyr/exposicao/>)

A apropriação da figura do centauro inaugurou processos transculturais: ao rememorar os substratos da judeidade para inscrevê-los no contexto das Américas, efetuando a reatualização da memória da imigração judaica e a inclusão da diversidade, implodiu conceitos que circunscreviam a gauchidade a um quadro exíguo de referências, ou seja, ao campeiro sul rio-grandense. Scliar inclui o imigrante judeu no quadro da identidade gaúcha e brasileira, dando início a uma fecunda linhagem de escritores que farão dos diferentes fluxos migratórios que chegaram ao Brasil, a matéria-prima de suas narrativas, como José Clemente Pozenato, com a imigração italiana, Josué Guimarães, com a imigração alemã, Salim Miguel, Milton Hatoum e Raduan Nassar, com a imigração sírio-libanesa, e mais recentemente, Letícia Wierzchowski, com a polonesa, para citar apenas alguns.

O desejo de conversar com o leitor, de estabelecer vínculos afetivos com as pessoas através da literatura, rememorando nossa epígrafe, fazem da crônica o lugar privilegiado dessa *charla* diária com seus leitores que o saudavam nas ruas da cidade de Porto Alegre, pois se consideravam seus amigos com quem trocavam confidências, já que muitas das crônicas de Scliar se originavam de *e-mails* que recebia de leitores. Como escreveu Nubia Hanciau, Scliar tinha uma habilidade única de utilizar a crônica para “convidar o leitor a refletir e a buscar respostas para alguns temas que nos assombram, tais como a morte e o sentimento de exclusão. [...] Escreve para que seus leitores sejam cúmplices das suas interrogações, muitas delas, perplexidades fundamentais que nos movem” (HANCIAU, IN BERND, 2012, p. 123).

A crônica, na obra de Scliar, é de máxima importância. Durante a Exposição “Moacyr Scliar, o centauro do Bom Fim”², o escritor Antonio Torres, convidado para participar dos debates, assim se pronunciou em relação à afinidade entre Scliar e seus leitores:

Escalado pela idealizadora da mostra, Judith Scliar, para mediar uma de suas atividades paralelas - a mesa Do mágico ao social: a arte de contar histórias, com os escritores Cíntia Moscovich, Ignácio de Loyola Brandão, Luiz Antonio de Assis Brasil e Luís Fernando Veríssimo -, pude testemunhar o enorme interesse que o evento despertou, atraindo multidões, numa prova de que a imortalidade de Moacyr Scliar não se circunscreve apenas à Academia Brasileira de Letras, da qual foi membro, mas se estende ao coração do seu povo. <http://www.scliar.org/moacyr/exposicao/depoimentos.html>

Vinte anos antes de escrever *A Majestade do Xingu* (1997), Scliar escreve uma crônica intitulada “Três da Ucrânia” (1977) (IN *Poesia das coisas simples*, 2012, p. 83-85), onde fala com entusiasmo do médico sanitário judeu Noel Nutels:

A sensibilidade e a atração pelo primitivo marcaram a vida de Noel Nutels, um sanitário que dedicou sua vida a proteger os índios brasileiros de um flagelo que a civilização lhes impôs: a tuberculose. O que para outros seria uma tarefa difícil, para Nutels era uma vocação, porque ele amava os índios, exatamente como eram: simples, primitivos.

Em 1997, mesmo ano da publicação da biografia romanceada de Nutels (*A majestade do Xingu*), Scliar menciona o sanitário em outra crônica “Olhar melancólico” (IN *Poesia das coisas simples*, 2012, p. 136-137) na qual apresenta, além de Nutels, Clarice Lispector e Lasar Segall. Orgulhava-se de mencionar figuras de imigrantes judeus que haviam feito muito pelo Brasil e por sua abertura irrestrita à alteridade brasileira.

² A Exposição Moacyr Scliar: o centauro do Bom Fim realizou-se de 15 de setembro a 15 de novembro de 2014 no Santander Cultural de Porto Alegre.

Como Clarice Lispector e Noel Nutels, Lasar Segall (1890-1957) era judeu russo. Como Clarice e como Noel, fez do Brasil a sua pátria. Clarice escreveu algumas das mais belas páginas de nossa literatura, Noel, médico, dedicou a vida a cuidar dos índios. Segall fixou em pinturas e gravuras as cenas que seu olhar melancólico captou do país onde refez a vida

O romance *A Majestade do Xingu* (1997), que lhe valeu dois significativos prêmios: Açorianos de Literatura, da Prefeitura de Porto Alegre, e o Prêmio José Lins do Rego da ABL (1998), custou a ser concebido, embora a ideia de escrever sobre Noel Nutels, como vimos, fosse muito antiga (de 20 anos antes). Por que retardou o projeto de escritura desse livro se sua identificação com Nutels era tão grande: ambos médicos sanitaristas, judeus e filhos de imigrantes, além de apaixonados por causas humanitárias? O fato é que tinha muitas dúvidas sobre quem seria o narrador; não queria que fosse uma simples biografia. A estratégia de contar a vida de Nutels, criando um narrador moribundo que relata ao médico, em um leito de hospital, a vida de Nutels, com quem emigrou da Rússia para o Brasil, no mesmo barco, subverteu os moldes tradicionais da narrativa biográfica. Ao criar um jogo de duplos, como refere Maria Zilda Cury, “de personagens que se refratam uns aos outros, se insere a figura do próprio Scliar, como simultaneamente duplo de Noel e do narrador responsável pela preservação da memória deste último, como duplo do médico que registra por escrito o relato e mantém viva a voz que o enuncia” (2012, p. 161).

Territórios da emoção; crônicas de medicina e saúde

A Medicina é um mergulho na condição humana; a literatura também.

Moacyr Scliar.

Nas crônicas sobre medicina e saúde, Scliar entrecruza medicina, jornalismo e ficção, revelando-se um apaixonado pelas três pontas de sua vida. Estabelecer relações entre seu ofício de cronista e escritor com a medicina foi quase

inevitável, já que o autor vê na medicina uma outra maneira de mergulhar nas profundezas de condição humana. Nesse sentido, escreve livros bastante originais na tentativa de tecer relações entre ciências médicas e literatura. Entre eles, *A paixão transformada* (1996) que representa a materialidade desse entrelaçamento, pois o livro constitui-se de comentários seus a citações, que envolvem considerações sobre medicina, de autores os mais diversos da literatura universal de diferentes épocas: desde o código de Hamurabi em 1700 a.C. e das leis mosaicas (1500 a. C) até a literatura do século XX com Thomas Mann, Bernard Shaw, Susan Sontag entre muitos outros. De Thomas Mann vem o título do livro, pois o escritor em *Montanha mágica* (1924) afirma ser a doença uma paixão transformada. Nesses escritos, que mesclam saber médico e saber literário, Scliar revela grande erudição em ambas as áreas, um cabedal invejável de leituras feitas desde a infância incentivado pela mãe que, considerando não serem suficientes as aulas do colégio Rosário em Porto Alegre, fazia com que ele escrevesse uma redação por dia que ela mesma corrigia. Sem falar no hábito de leitura desenvolvido em casa desde a tenra idade, como se pode avaliar pelo depoimento do irmão Wremyr Scliar (IN BERND et alii, 2012p. 35-47):

A família de Moacyr Scliar, seus pais, avós, tios e primos reuniam-se frequentemente. Henrique, o pai do pintor Carlos Scliar, já era anarquista; outros tios eram socialistas. Nas suas casas não faltavam livros. Liam-se Jorge Amado, Reclus, Graciliano Ramos, Tchecov, Romain Rolland, Roger Martin du Gard. Nas paredes, reproduções da pomba da paz de Picasso, gravuras de Vasco Prado, Portinari. (p.37)

A cultura quase enciclopédica de Moacyr Scliar era constituída de arquivos que se originavam dos livros que leu durante toda a vida vorazmente, em prática adquirida na infância. Ao lado desses arquivos da cultura livresca, ele colecionava os saberes advindos da oralidade, pois assim como era um grande contador de histórias, era também alguém sempre disposto a ouvir relatos contados por leitores, pacientes, amigos, pessoas que encontrava nas ruas. Somaram-se a esses “arquivos memoriais”

o saber científico da medicina e também o profundo conhecimento da cultura judaica.

Laurent Demanze, em recente publicação intitulada *Les fictions encyclopédiques*, lê aprofundadamente autores que se caracterizaram pelo saber “enciclopédico” e pela abundância de informações (de dados culturais e científicos, a repertórios de mitos e até de clichês) que incluíam em suas obras. Gustave Flaubert é um desses autores estudados por Demanze que aponta sua faculdade de “reinvindicar para a literatura uma posição de reflexividade crítica”, lembrando que o maior desejo dos personagens de Flaubert, Bouvard e Pécuchet, seria o de “cair sobre um livro que contivesse todos os conhecimentos” (2015, p. 14). Podemos afirmar sem medo de exagerar que Scliar foi um destes “escritores enciclopédicos”, capazes de abordar os temas mais diversos com grande desenvoltura e paixão, alternando os grandes tópicos que o fascinavam como as origens do judaísmo, as artes médicas, a linguagem em si, o fantástico e o maravilhoso. Associar enciclopedismo e fantasia, unir saberes científicos, religiosos e humanísticos sem fixá-los nem fetichizá-los, nem apresentá-los de forma dogmática, priorizando os achados da linguagem sempre criativa e inovadora, foi a característica que deu a Scliar o reconhecimento nacional e internacional. Foi esse seu legado maior para a literatura brasileira.

Na coletânea *Território da emoção* (2013), em “Os dez mais da medicina brasileira”, crônica de 1998 (p. 50-51), volta a falar em Oswaldo Cruz a quem dedicara em 1992 um romance intitulado *Sonhos tropicais*, descrevendo a luta desse médico para convencer seus compatriotas sobre eficácia da vacina: primeiro contra a febre amarela e depois contra a varíola. Ao retrazar a história de Oswaldo Cruz, assim como a de Noel Nutels, Scliar se empolga, pois ambos além de médicos se especializaram em saúde pública, área em que ele próprio atuou durante muitos anos. Aponta com paixão as agruras de Oswaldo Cruz, face à resistência dos cariocas em relação à obrigatoriedade da vacinação e mostra como ele pagou caro por seus projetos inovadores no campo da medicina, os quais despertaram o clamor popular que chegou a seu ápice com a Revolta da Vacina em 1904 no Rio de Janeiro. Na crônica citada, anota com júbilo que dentre os dez maiores nomes da medicina

brasileira estão vários médicos sanitaristas como Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolfo Lutz e Gaspar Viana.

O tema da reação popular à obrigatoriedade da vacinação, volta, em crônica de 2004 (logo, 12 anos após a redação de *Sonhos tropicais*), quando aborda a recusa da população em deixar-se inocular pelo vírus da própria doença. Em “Brigando contra a vacina” (IN *Território da emoção*, 2013, p. 69-71), volta a descrever a atitude dos cariocas que, mesmo ameaçados pela varíola, preferiam a morte do que deixar-se vacinar: “demonstravam-no enfrentando as tropas do governo nas ruas, numa quase guerra civil que ficou conhecida como a Revolta da Vacina” (p. 69). Embora reconhecendo a genialidade de Oswaldo Cruz, tira dessas manifestações hostis da população carioca, que chegou a apedrejar a casa do inventor da vacina, a conclusão de que se o próprio Oswaldo Cruz foi o maior alvo da violência da população, isso deveu-se, em grande parte, por seu autoritarismo, advindo da confiança que tinha nos efeitos benéficos da vacina.

No romance *Sonhos tropicais*, Scliar se vale de recortes de jornais para documentar a forte reação contra a lei que estava tramitando com vistas a considerar a vacinação obrigatória. Embora nesses recortes as críticas a Oswaldo Cruz sejam muito ásperas e satíricas, não há da parte de Scliar julgamentos de valor contra a luta intransigente desse pioneiro da medicina experimental e seu combate a epidemias como febre amarela, varíola e peste bubônica. Nas crônicas, contudo, permite-se reavaliar a situação crítica que culminou com o afastamento de Oswaldo Cruz de seu cargo, que equivaleria ao cargo que hoje conhecemos como de Ministro da Saúde, terminando sua carreira em Manguinhos que mais tarde, com sua morte, recebeu o nome de Instituto Oswaldo Cruz.

O resultado foi o que se viu, e a lição ficou. Não dá para vacinar pessoas como se vacina o gado. E não basta conhecer as doenças. É preciso conhecer os seres humanos, e levar em conta suas aspirações e também os seus temores. (crônica de 2004 In *Território a emoção*, 2013, p. 71)

Concluindo

Em geral associam Scliar ao fantástico, mas eu prefiro dizer que ele navegava nas águas do real maravilhoso latino-americano. Ele ia – em seus romances e contos mas também em muitas de suas crônicas - ao encontro dessa realidade insólita, fantástica ou maravilhosa em busca de explicações outras que o mundo da racionalidade e da lógica não pode explicar. Seus romances aderem portanto a duas lógicas ou a duas visões de mundo: a da racionalidade e a da magia, ou seja, ao logos e ao mitos. Essas duas visões de mundo nunca se apresentam na escritura de Scliar de forma contraditória obrigando o leitor a optar entre uma e outra versão. Através do real maravilhoso ele abala as certezas do leitor e os faz compreender que não existe uma única forma de entender o mundo. Apresenta o fantástico e o maravilhoso como molas que estimulam a racionalidade.

As passagens transculturais que efetua ao longo dos mais de cinquenta anos de carreira literária, fazem de sua obra um exemplo de enraizamento dinâmico e relacional. Seu desejo de valorizar a contribuição judaica para a cultura brasileira se dá sempre como gesto de inclusão, de generosa solidariedade, abrindo-se ao diálogo com todas as demais culturas em presença em nosso estado e em nosso país, percebendo com clareza que a recuperação da memória e a construção identitária são processos dinâmicos, não caindo nunca em armadilhas essencialistas.

Moacyr Scliar cria, entre a crônica e a ficção romanesca, uma incomparável sinergia. Era um grande fabulador, cuja imaginação se exercia até mesmo nas crônicas que, em geral, refletem preocupações imediatas e quotidianas. Era um indivíduo ligado ao coletivo e à comunidade a que pertencia; um homem de grande erudição e ao mesmo tempo de grande simplicidade; essa era sua maior grandeza. Era um Centauro do Bom Fim na medida em que, imitando a figura híbrida do Centauro, vinculava-se às duas culturas nas quais estava inserido: a judaica e a gaúcha, sem deixar de ser um cidadão do mundo, um cosmopolita. Era um grande curioso para quem a investigação da condição humana não tinha limites. Um homem que exercia todas as suas inúmeras atividades com o coração generoso, o sorriso afável que seduzia a todos.

Era enfim um viajante transcultural, um nômade intelectual que, ao atravessar as culturas gaúcha, judaica e brasileira, acabava criando elementos culturais novos e transgressores que deixavam de pertencer a um ou outro stock cultural para se hibridizarem, originando criações originais. Esse era Moacyr Scliar: amigo dos amigos e que nunca deixou-se seduzir pela glória de ser saudado em fóruns internacionais ou de pertencer à ABL.

Centauro do Bom Fim, bairro judaico de sua cidade natal Porto Alegre onde viveu praticamente toda sua vida. Escritor que soube ultrapassar a barreira dos binarismos, renovar as relações de alteridade e compor uma obra literária já incorporada ao patrimônio nacional e universal.

Praticando o conto, o ensaio, o romance e a crônica, fez de todos eles um lugar de compartilhamento generoso de saberes e de experiências, ressignificando pertencas identitárias que soube tecer de forma a promover a inclusão e a relação entre os membros de sua comunidade e de seu país.

Referências:

Site do autor: <http://www.scliar.org/moacyr/>

ALVES, Rubem; SCLiar, Moacyr. *Conversam sobre o corpo e a alma: uma abordagem médico-literária*. Campinas: Saberes, 2011.

BERND, Z.; MOREIRA, M.E.; MELLO, A.M.L. de (orgs.) *Tributo a Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. (série memória das Letras, 24)

CURY, Maria Zilda. Vozes narrativas em *A majestade do Xingu*. IN: BERND et alii, (Orgs.). *Tributo a Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 149-168.

DEMAMZE, Laurent. *Les fictions encyclopédiques; de Gustave Flabert à Pierre Senges*. Paris: éditions Conti, 2015.

HANCIAU, Nubia. Moacyr Scliar e a crônica. IN: BERND, Z. et alii *Tributo a Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 111-126.

MACHADO, Ana Maria; SCLiar, Moacyr. *Amor em texto, amor em contexto; um diálogo entre escritores*. Campinas: Papirus 7 mares, 2009.

SCLiar, Moacyr. *A poesia das coisas simples – crônicas*. Organização e prefácio de Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCLiar, Moacyr. *Território da emoção – crônicas de medicina e saúde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCLiar, Moacyr. *Sonhos tropicais*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

SCLiar, Moacyr. *A paixão transformada; história da medicina na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCLiar, Moacyr. *A Majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia de bolso, 1997. consultada versão ebook

SCLiar, Moacyr. *Doutor miragem*. Porto Alegre: L&PM, 1978. consultada versão ebook

ZILBERMAN, R.; BERND, Z. (org.) *O viajante transcultural; leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. Série grandes autores, 1)

Vídeos:

Do mágico ao social: a arte de contar.
<http://www.scliar.org/moacyr/exposicao/videos.html>

O jornalismo na vida de Moacyr Scliar:
<http://www.scliar.org/moacyr/exposicao/videos.html>

Crônica hoje <http://www.scliar.org/moacyr/textos/a-cronica-hoje/>

Notas biobibliográficas:

Zilá BERND é doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, professora do PPG-Memória social e Bens culturais do UNILASALLE e detentora de uma Bolsa PQ-CNPq. Exerceu atividade de docência, ensino e pesquisa na universidade Federal do Rio Grande do Sul, mesmo após sua aposentadoria como professora titular na área de literaturas francófonas. Foi professora convidada em inúmeras universidades do Canadá e da França e publicou entre outros *Glossaire des mobilités culturelles* (editado com Norah Dei-Cas Giraldi, em 2014) e *Por uma estética dos vestígios memoriais* (Fino Traço, 2013). É Oficial das Palmas Acadêmicas do Governo francês (2006) e Oficial da Ordem nacional do Quebec (2014). Em 2009 recebeu o Prix du Gouverneur Général en Études canadiennes.